



cultur

Revista de Cultura e Turismo

Artigo:

TURISMO BACKPACKER – ESTUDO DOS VIAJANTES INTERNACIONAIS NO BRASIL

Autor:

Rui José de Oliveira¹

Copy right, 2007, CULTUR. Todos os direitos, inclusive de tradução, do conteúdo publicado pertencem a CULTUR - Revista de Cultura e Turismo. Permite-se citar parte de artigos sem autorização prévia, desde que seja identificada a fonte. A reprodução total de artigos é proibida. Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva do(s) autor(es), que serão informados que a aprovação dos artigos implica na cessão imediata de direitos, sem ônus para a revista, que terá exclusividade de publicá-los em primeira mão. Em caso de dúvidas, consulte a redação: revistacet@hotmail.com

A CULTUR – Revista de Cultura e Turismo, é um periódico científico eletrônico, idealizado no Programa de Mestrado em Cultura e Turismo da Universidade Estadual de Santa Cruz. Com a missão de fomentar a produção científica e a disseminação de conhecimento multidisciplinar relacionados com Cultura, Turismo e áreas afins, objetivando a troca de informações, a reflexão e o debate, provendo assim o desenvolvimento social.

CULTUR – Revista de Cultura e Turismo

CULTUR, ano 02 – n. 01 – jan/2008

www.uesc.br/revistas/culturaeturismo

¹ *Administrador de Empresas formado pela PUC-SP, com especialização em Marketing pela ESPM-SP e Planejamento e Marketing Turístico pelo SENAC-SP, e mestre em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. É docente das disciplinas de marketing dos diversos cursos de Pós-Graduação em Turismo e Hotelaria do Centro Universitário Senac – SP. Também atua como consultor de marketing no setor turístico. E-mail: ruijoliveira@hotmail.com*

RESUMO

Backpacker é a denominação mais utilizada globalmente para descrever os turistas que organizam suas viagens de forma independente, flexível e econômica, por períodos longos em que buscam conhecer vários destinos. Identificar o perfil deste segmento de turistas internacionais, suas motivações e comportamentos durante as viagens realizadas pelo Brasil é o objetivo deste trabalho. Para tanto, foi realizada uma pesquisa quantitativa-descritiva, entre setembro de 2005 e abril de 2006, com 248 viajantes estrangeiros nas cidades de Foz do Iguaçu, Rio de Janeiro e Salvador. Os resultados mostram como principais motivações: a diversidade cultural, as praias e o povo; idade média de 27,8 anos; 70% são europeus; renda anual de US\$ 29.356; permanência de 49,9 dias no país; gastos diários médios de US\$ 34,93; e pretensão de retorno de 77%.

PALAVRAS-CHAVES

Turismo receptivo internacional; demanda turística; segmentação turística; turismo *backpacker*.

ABSTRACT

Backpacker is a world-wide denomination to describe the budget-minded, independent tourist, travelling for long stays and intending to visit several destinations in the same trip. The purpose of this paper is to identify the profile of this foreign tourist, its market segment, their motivations and behaviors, while travelling in Brazil. A quantitative and descriptive research took place in Foz do Iguaçu, Rio de Janeiro and Salvador, between September/2005 and April/2006, interviewing 248 foreign tourists. The results shows that: the main motivations are cultural diversity, beaches and people; average age is of 27,8 years old; 70% backpackers come from Europe; average income is US\$ 29.356; average stay in the country is of 49,9 days; spend daily an average of US\$ 34.93; and 77% of these travelers intend to come back.

KEYWORDS

International reception tourism; tourism demand; tourism segmentation; backpacker tourism.

1. INTRODUÇÃO

O termo *backpacker* foi introduzido aos estudos turísticos pelo australiano Philip L. Pearce em 1990 (ALTELJEVIC e DOORNE, 2002) e vem sendo utilizado mundialmente para denominar o segmento de viajantes que tem um estilo de viagem independente, flexível e econômico, por longos períodos e que buscam conhecer vários destinos numa mesma viagem.

O vocábulo em português que melhor traduz esse significado seria mochileiro (não confundir com sacoleiro que tem um significado completamente diferente)². Neste trabalho utilizam-se ambos os termos, o original em inglês – *backpacker* – e a tradução em português – mochileiro – como sinônimos.

Alguns estudiosos e pesquisadores de diversas partes do mundo (como veremos a seguir) têm se concentrado em investigar e analisar esse segmento de turistas visando compreender quem são os viajantes *backpackers*, quais as suas principais motivações, quais os seus destinos preferidos, onde eles se hospedam, quais as atividades por eles desenvolvidas, como se comportam durante suas viagens, qual o tempo de permanência nos destinos, quanto e como gastam seus recursos, qual a tendência desse estilo de turismo, entre diversos outros aspectos.

Após constatar que no Brasil ainda é bastante limitado o número de textos, artigos e livros que tratam do assunto turismo *backpacker* ou turismo mochileiro na literatura turística, resolveu-se estudar esse segmento turístico. Desta forma foi desenvolvida uma pesquisa a fim de apresentar dados e informações sobre os viajantes *backpackers* estrangeiros que viajam pelo Brasil.

A primeira edição desta pesquisa foi realizada em 2000, sendo a principal base para a dissertação de mestrado do autor. Passados seis anos, decidiu-se realizar uma nova coleta de dados visando atualizar as informações, utilizando-se a mesma metodologia de pesquisa. São esses dados que este trabalho pretende apresentar.

O objetivo geral deste estudo é produzir conhecimento relativo ao segmento de turistas *backpackers* que viajam pelo Brasil e, por via de consequência, contribuir para a expansão do mercado turístico brasileiro.

² sacoleiros podem ser entendidos como indivíduos que viajam com o propósito de comprar mercadorias no destino escolhido para posterior revenda no local de origem.

Os objetivos específicos são: determinar o perfil do turista estrangeiro mochileiro que viaja pelo Brasil; identificar as características das viagens realizadas no Brasil – pontos de entrada, meios de locomoção, tipos de acomodação, duração, atividades desenvolvidas e gastos efetivados; conhecer os fatores motivadores que determinaram a escolha do Brasil como destino turístico; determinar o nível de satisfação da viagem dos *backpackers* estrangeiros pelo Brasil.

A justificativa para a realização de tal estudo se dá pelo fato de não ser possível desenvolver, de maneira fundamentada, planejamentos, planos, projetos e programas para destinos ou produtos/serviços turísticos sem o conhecimento detalhado de informações sobre o segmento do mercado a ser trabalhado. Percebe-se que esse segmento de turistas é visto em nosso país, por vários agentes do turismo, inclusive os órgãos responsáveis pelas diretrizes do setor, com um certo desprezo, talvez pelo desconhecimento de seu potencial. Acredita-se, portanto, que apesar das restrições deste estudo, o mesmo poderia auxiliar como fonte de dados na formulação de um planejamento turístico que abrangesse o segmento de viajantes *backpackers* estrangeiros.

O metodologia de investigação utilizada neste estudo pode ser classificada como uma pesquisa quantitativa-descritiva, a partir de um levantamento, realizado por meio de entrevistas pessoais. O instrumento de coleta de dados utilizado foi um questionário com 54 perguntas, contendo questões de formatos diversos – abertas, mistas e fechadas, dicotômicas, de múltipla escolha e escalonadas, tendo sido utilizadas de forma alternada, a fim de não cansar o respondente. Estava disponível no idioma português e inglês, uma vez que a grande maioria dos *backpackers* é fluente nesta última língua.

Foram entrevistados aleatoriamente 248 turistas estrangeiros, entre o período de setembro de 2005 e abril de 2006, em três pontos do Brasil: Foz do Iguaçu (39,9%), Rio de Janeiro (30,2%) e Salvador (29,9%). Estes locais foram determinados por serem, segundo dados da Federação Brasileira dos Albergues da Juventude, aqueles com alta frequência de turistas estrangeiros, além de estarem em regiões diferentes e possuírem atrativos também distintos.

A técnica de amostragem utilizada entra na categoria de amostra não probabilística por quotas-julgamento, uma vez que os dados da Federação dos Albergues orientaram os locais de aplicação da pesquisa (quotas) e os entrevistadores eram os responsáveis em avaliar as condições necessárias para aplicar o levantamento, bem como identificar os viajantes que faziam parte do segmento definido (julgamento).

A investigação foi realizada nos seguintes albergues da juventude associados à *Hostelling International*, que concordaram em colaborar com o estudo: Rio Hostel (RJ), Laranjeiras Hostel e Praia do Forte Hostel (BA) e Paudimar Hostel (PR). Alguns gerentes e recepcionistas desses albergues foram treinados pelo pesquisador sobre a abordagem ao visitante *backpacker* e a aplicação eficaz do questionário.

Vale a pena mencionar novamente que essa foi a segunda edição desta mesma pesquisa, uma vez que a primeira aconteceu em 1999/2000, sendo realizada nos mesmos lugares, utilizando-se o mesmo instrumento de coleta de dados e com amostragem similar. Desta forma, poderiam ser realizadas análises comparativas entre as mesmas a fim de se observar possíveis variações no perfil dos *backpackers* e nas características das viagens ocorridas no período de seis anos.

Também é importante salientar que, como na pesquisa realizada anteriormente, os viajantes sul-americanos não fizeram parte desta investigação, pois desejando ter uma amostra próxima à frequência das nacionalidades dos *backpackers* estrangeiros que se hospedam nos albergues da juventude do Brasil, o grande número de representantes da América do Sul faria com que diminuísse em demasia os representantes dos outros continentes. Além disso, havia o interesse do pesquisador em conhecer o perfil e as características de viagem especialmente de turistas de continentes longínquos.

2. TURISMO E BACKPACKERS

Mesmo antes de ser cunhada a expressão *backpacker*, Cohen (1972 apud KOTLER; BOWEN; MAKENS, 1999, p. 662) definiu o turista *drifter* (sem destino) de forma bastante similar ao que nos referimos atualmente aos *backpackers*:

Tipo de turista internacional que se aventura em locais distantes das rotas tradicionais. Não tem itinerário fixo nem agenda programada e nenhum objetivo bem definido de viagem [...] geralmente se hospedam em albergues da juventude ou em *campings* na companhia de amigos, tendem a se relacionar com as pessoas da comunidade, utilizam meio de transportes coletivos ferroviários e rodoviários e, em sua maioria, são jovens.

Entre as definições mais contemporâneas para o segmento de turistas *backpackers* encontradas na literatura acadêmica uma das mais abrangente e aceitas é:

Turistas jovens e econômicos que mostram preferência por acomodações baratas, enfatizam o encontro com outras pessoas (locais e estrangeiras), organizam o itinerário da viagem de forma independente e flexível, seus períodos de férias são longos e buscam atividades recreativas informais e participativas. (PEARCE; LOKER-MURPHY; 1995, p. 823).

Alguns estudos de pesquisadores internacionais têm tratado do tema *backpacker* com diferentes proposições e sob particulares pontos de vista. Entre os vários trabalhos consultados alguns mostram fundamental importância na discussão dessa temática, sendo referências teóricas para trabalhos sobre esse assunto.

Pearce e Loker-Murphy (1995), estudam o fenômeno *backpacker* na Austrália. Discutem a origem dessa forma de viagem, analisam alguns elementos como a preferência pela acomodação econômica, o interesse em encontrar/conhecer outras pessoas, a forma independente de organização da viagem, a flexibilidade nas decisões sobre a viagem, a longa duração da jornada e a prática de atividades informais e participativas.

Murphy (2001), em outro estudo, examina a natureza das interações entre os *backpackers*, numa tentativa de entender melhor a sua rede informal de disseminação de informação. Os resultados indicam que trocar informações sobre os destinos ou atividade ligadas ao turismo é a principal motivação de interagirem uns com os outros. Relata diversos fatores que influenciam o valor percebido na informação, incluindo a consistência dos relatos recebidos, sentimentos ou atitudes pessoais do interlocutor e as expectativas prévias sobre o destino ou negócio sob discussão.

Scheyvens (2002), da Nova Zelândia, menciona que os governantes de países do terceiro mundo frequentemente desprezam os turistas *backpackers* internacionais, concentrando esforços e valorizando o turismo de luxo. A autora apresenta uma perspectiva alternativa, propondo caminhos que promovam o desenvolvimento através do fornecimento de bens e serviços para os *backpackers*, especialmente a nível local. Afirma que paradigmas diversos necessitarão ser superados e que a comunidade anfitriã pode ser beneficiada se tiver algum controle sobre o segmento de mercado dos *backpackers*. Defende o incentivo por parte dos governantes do terceiro mundo em estabelecer um efetivo ambiente político e uma infra-estrutura que apóie a comunidade a se envolver nessa forma de turismo.

Na mesma linha de estudo o pesquisador inglês Hampton (1998) defende que o turismo internacional é freqüentemente percebido pelos planejadores governamentais de turismo dos países menos desenvolvidos como um motor de crescimento econômico, mas o foco é comumente dirigido ao turismo de massa, ignorando o segmento do turismo *backpacker*.

Desenvolve um estudo de caso da ilha Gili Trawangan em Lombok, leste da Indonésia, indicando que o incentivo do turismo *backpacker* pode aliviar parte do excesso de turismo de massa internacional. Analisa de forma comparativa o turismo *backpacker* frente ao turismo de massa convencional, discutindo a receita gerada, assuntos a respeito de controle local, questões sobre propriedade de negócios e o fator econômico – quem ganha e quem perde no turismo em países menos desenvolvidos.

O dinamarquês Sorensen (2003) apresenta um estudo etnográfico da cultura dos *backpackers* internacionais. São delineadas suas características sociodemográficas, a partir das grandes linhas conceituais da cultura de turismo, com o foco particular sobre o fenômeno da estrada. A análise do turismo *backpacker* como uma cultura favorece a compreensão de alterações dentro do fenômeno. Exemplos de fatores de mudança incluem os guias de viagens, o *backpacker* de curto prazo e, em particular, a internet. Este estudo demonstra o mérito de um conceito dinâmico de cultura em que a mesma ocorre a qualquer momento sendo ativada por circunstâncias sociais.

Pesquisadores de Israel, Uriely, Yonay e Simchai (2002) questionam a idéia pela qual os *backpackes* são considerados uma específica categoria de turismo, pela distinção entre seu comportamento em relação à alguns atributos. Realizaram uma investigação através de entrevistas em profundidade com *backpackers* israelenses que viajaram para várias destinações, analisando fenomenologicamente a experiências desses turistas. O estudo revela sua natural heterogeneidade em aspectos relacionados aos tipos de turismo e indica que eles obedecem ao mais convencional comportamento relacionado à atributos.

No Brasil a literatura que trata do segmento de turistas *backpackers*, ainda que escassa, está representada por estudos desenvolvidos por alguns pesquisadores das áreas de turismo e administração.

A pesquisadora Giaretta (2002), apresenta uma revisão dos conceitos das modalidades de turismo que se relacionam com turismo da juventude. O trabalho faz uma reflexão da juventude e seus movimentos na história, e busca uma relação entre o seu comportamento e as formas de turismo que pratica.

Analisa diversas modalidades englobadas pelo setor, entre elas o turismo estudantil, turismo associativo, turismo de natureza, meios de hospedagem e produtos especiais para jovens, principalmente no Brasil. Aborda com particularidade o meio de hospedagem albergue da juventude, trazendo vários dados para discussão.

A dissertação de mestrado do autor desse trabalho, Oliveira (2003), traça um panorama do turismo estrangeiro *backpacker*, a nível mundial e nacional, apresentando sua representatividade e taxa de crescimento no período de 1.996 a 2.000, utilizando dados do *Hostelling International*. São abordados aspectos que possibilitam determinar o perfil desse segmento de turistas estrangeiros, assim como as características das viagens que esses *backpackers* empreendem pelo Brasil, através dos resultados da pesquisa realizada com 244 viajantes estrangeiros.

Em outro trabalho, Oliveira (2005) faz uma revisão conceitual sobre o tema e traz o histórico do turismo mochileiro, apresentando a estrutura evolucionária do segmento *backpacker*. Aborda dados quantitativos no mundo e no Brasil relativos ao segmento em questão. Provoca uma discussão sobre o tratamento dispensado pelos órgãos governamentais que estabelecem as diretrizes do turismo nacional a esse segmento de turistas estrangeiros, defendendo que o Brasil oferece condições apropriadas para atrair os *backpackers* e a visita dos mesmos poderia propiciar sob os aspectos econômicos, sociais e ambientais benefícios interessantes ao país.

Já Aoqui (2005), apresenta uma análise crítica dos viajantes *backpackers*, demonstrando suas desvantagens, como o menor nível de gasto médio por dia e a busca incessante por preços baixos, e seus benefícios, gastos mais altos em razão da longa duração da visita, gastos em áreas geográficas mais amplas, benefícios econômicos para micro e pequenos empreendedores e menor utilização de equipamentos elétricos, sendo mais gentis ao meio-ambiente. Sugere que na formulação de políticas governamentais de turismo incluam abordagens específicas para o segmento *backpacker* e indica como ferramentas essenciais de promoção a Internet e a comunicação boca a boca, além de parcerias com países vizinhos da América do Sul.

3. PERFIL DOS VIAJANTES ESTRANGEIROS *BACKPACKERS* EM VIAGEM PELO BRASIL

Quanto à origem dos 248 turistas estrangeiros *backpackers* aleatoriamente entrevistados, 69,8% eram da Europa, 11,3% da América do Norte, 8,5% da Oceania, 2,8% da Ásia, 1,6% da

África e 0,8% da América Central. Considerando a nacionalidade, os países que tiveram maior número de representantes foram a Inglaterra (19,0%), Alemanha (13,7%), França (8,1%), Austrália (6,9%), Estados Unidos (6,5%), Israel (5,2%), Suécia (4,8%), Holanda (4,4%), Itália (3,6%) e Canadá (3,6%). Assim, entre os 10 países com maior volume de visitantes encontram-se seis da Europa, dois da América do Norte, um da Oceania e um do Oriente Médio.

As variáveis pesquisadas relacionadas ao perfil demográfico dos turistas mochileiros foram o sexo, a idade, o estado civil, a renda anual e a habilidade com idiomas. A quantidade de visitantes que participaram da pesquisa ficou bem dividida entre os dois sexos: 50,6% de mulheres e 49,4% de homens. A imensa maioria dos turistas *backpackers* era formada por solteiros (91,7%), vindo a seguir os casados (6,6%) e os separados (1,8%).

A faixa etária dos viajantes estrangeiros *backpackers* pesquisados teve a seguinte distribuição: de 18 a 24 anos (33,1%), de 25 a 29 anos (40,3%), de 30 a 34 anos (14,4%), de 35 a 39 anos (6,4%) e 40 ou mais (5,9%). A idade média calculada foi de 27,8 anos, apresentando uma pequena variação em relação ao sexo. A média etária das mulheres foi de 26,5 anos, enquanto que a dos homens foi de 29,0 anos.

Embora pouco menos da metade dos entrevistados tenham respondido a questão sobre a renda anual podemos inferir alguns valores importantes. Por faixa de renda observa-se que 18,8% dos *backpackers* ganhavam até 10 mil dólares, 22,1% entre 10 e 20 mil dólares, 21,3% entre 20 e 30 mil dólares, 14,7% entre 30 e 40 mil dólares, 19,9% entre 40 e 50 mil dólares e 9,0% mais de 50 mil dólares. A renda média anual calculada foi de 29.356,56 dólares que, convertidos para nossa moeda ao câmbio de R\$ 2,00 para cada US\$ 1,00, representam 58.713,12 reais. Para facilitar o entendimento, isso significaria uma renda mensal de R\$ 4.892,76. Vale destacar a diferença de renda entre os homens e as mulheres. Os *backpackers* do sexo masculino alcançaram uma renda média anual de US\$ 31.610,17 (R\$ 63.220,34) enquanto que a renda média dos viajantes do sexo feminino foi de US\$ 26.826,00 (R\$ 53.652,00).

Entre os 20 idiomas citados pelos *backpackers* que possuem habilidade de entendimento e conversação, as principais línguas dominadas foram: inglês (92,7%), espanhol (48,4%), francês (33,5%), alemão (29,4%); português (25,4%), italiano (13,3%), sueco (6,0%) e hebraico (5,2%).

4. CARACTERÍSTICAS DAS VIAGENS DOS *BACKPACKERS* ESTRANGEIROS PELO BRASIL

Quanto ao número de pessoas viajando, 55,9% estavam viajando sozinhas, enquanto que 27,9% viajavam em duplas, 9,3% em trios, 4,0% em quartetos e apenas 2,8% em grupos de 5 pessoas ou mais. Vale notar que o número de mulheres viajando sozinhas (48,7%) e bem menor do que os homens (63,2%).

A grande maioria dos *backpackers* (75,0%) estava viajando pela América do Sul pela primeira vez, enquanto que 15,7% estavam na segunda viagem ao continente e os demais (9,3%) já estavam na sua terceira ou mais viagem. Em relação ao número de viagens para o Brasil, para 83,9% era a primeira vez, 10,1% a segunda e 6% pelo menos três viagens ao nosso país. Vale notar uma diferença de 8,9% dos viajantes que já haviam viajado para a América do Sul, mas não para o Brasil. O Brasil era o único país de destino para 32,7%, ou seja, os demais 67,3% de *backpackers* estrangeiros tinham planos de visitar outros países.

Os pontos de chegada mais utilizados pelos estrangeiros *backpackers* em sua visita ao Brasil foram: Rio de Janeiro (32,3%), São Paulo (21,4%), Foz do Iguaçu (17,7%) e Salvador (10,5%). O transporte aéreo foi utilizado por 71,0% dos turistas, enquanto que o rodoviário transportou 28,2% dos viajantes e apenas 0,8% utilizaram-se do meio marítimo.

A previsão da duração da viagem ao Brasil apresentou a seguinte distribuição: para 22,2% dos visitantes era de até 20 dias, para 35,5% entre 21 e 30 dias, para 21,0% entre 31 e 60 dias, para 15,7% entre 61 e 120 dias e para 5,6% dos viajantes seria mais de 120 dias. O tempo médio da viagem pelo Brasil calculado foi de 49,89 dias, sendo que para os europeus foi de 53,2 dias, para os *backpackers* da Oceania 45,2 dias e para os americanos do norte 41,3 dias.

Quanto ao tempo total das viagens dos *backpackers*, os resultados da pesquisa de 2006 mostram os seguintes períodos: até 30 dias 7,8%, entre 31 e 60 dias 15,0%, entre 2 e 3 meses 12,6%, entre 3 e 4 meses 12,0%, entre 4 e 6 meses 21,6%, entre 6 e 9 meses 9,0%, entre 9 e 12 meses 18,0% e mais de um ano 4,2%. A média calculada foi de 179,6 dias, ou seja, quase 6 meses. O tempo também varia por continente de origem, sendo a média dos originários da Oceania 188,6 dias, da Europa 181,6 dias e da América do Norte 132,6 dias.

As cidades/regiões mais visitadas pelos *backpackers* estrangeiros que participaram da pesquisa foram: Rio de Janeiro (76,1%), Salvador (52,7%), Foz do Iguaçu (48,6%), São Paulo (38,3%), Florianópolis (23,9%), Curitiba (17,3%), Parati (10,7%) e Ilha Grande (10,3%). Entre as cidades/regiões que ainda pretendiam conhecer aparecem: Rio de Janeiro (35,0%), São Paulo (31,6%), Salvador (28,2%), Florianópolis (24,9%), Foz do Iguaçu (17,5%), Curitiba (13,0%), Recife (10,2%), Pantanal (10,2%) e Ilha Grande (10,2%). Muitas outras cidades de médio e pequeno porte foram citadas, próximas e longínquas, das principais regiões turísticas do Brasil.

Os principais locais que os viajantes *backpackers* gostariam de visitar, mas não iriam fazê-lo nesta viagem eram: Amazônia (34,7%), Pantanal (20,0%), Salvador (14,2%), Manaus (11,6%), Florianópolis (7,4%), Natal (6,8%), Fortaleza (6,8%) e Brasília (6,8%). Os principais motivos apontados para não ir a tais cidades/regiões foram: falta de tempo (72,9%), falta de dinheiro (18,1%), grande distância (14,2%) e considerar a viagem muito cara (11,0%).

Os meios de hospedagens mais utilizados pelos viajantes *backpackers* durante a viagem pelo Brasil foram os albergues da juventude (94,0%), pousadas (46,0%), casas de amigos (35,1%), hotéis (12,1%) e *campings* (3,6%).

Grande parte dos turistas estrangeiros planejou sua viagem sozinho (87,9%), enquanto que uma pequena parcela planejou juntamente com uma agência de viagem (13,3%) e com auxílio de amigos (7,7%). Os principais serviços utilizados nas agências de viagem em seus próprios países foram: compra de passagem aérea (54,8%), informações sobre os países a serem visitados (18,5%), serviços de transportes no destino (14,9%) e acomodações (8,1%).

Os principais aspectos apontados por terem escolhido o Brasil como destino turísticos foram a diversidade cultural (30,6%), praias (25,4%), povo (21,4%), clima (21,0%), natureza (18,0%), carnaval (13,3%) e música (9,7%). Comparando as menções dadas aos aspectos mais relacionados à cultura (75,0%) com aqueles representantes do ambiente natural (64,4%) pode-se perceber a importância dos primeiros como fonte de motivação dos viajantes *backpackers* estrangeiros.

Quando questionados sobre as fontes de informações sobre o Brasil, as respostas foram guias de viagem (55,2%), *sites* na internet (53,2%), amigos que já haviam visitado o Brasil (52,4%), amigos brasileiros (28,2%), agências de viagem (17,3%), revistas (16,1%), televisão (8,5%) e jornais (4,4%). Entre os guias de viagem voltados para esse segmento de viajantes, os mais citados foram o *Lonely Planet* (73,8%), *Foot Print* (15,6%), *Routard* (4,5%) e *Rough Guide* (3,3%).

Apenas 1 em cada 5 turistas *backpackers* estrangeiros (21,8%) lembra de ter visto alguma propaganda do Brasil no seu país de origem, sendo que esse índice se modifica pelos diversos continentes: América do Norte 28,6%, Europa 23,7% e Oceania 9,5%.

Quanto à facilidade de se viajar por nosso país, a grande maioria (85,0%) considerou fácil enquanto que os demais sentiram dificuldades. As principais dificuldades apontadas pelos turistas *backpackers* durante a viagem pelo Brasil foram: problemas devido ao idioma, longas distâncias a percorrer, insegurança, falta de informações, dificuldade de troca de dinheiro, câmbio elevado, condições das estradas, passagens aéreas muito caras, entre outros.

Questionados se haviam sofrido algum problema mais sério durante a viagem no país, 89,1% responderam negativamente, enquanto que 7,3% afirmaram problemas com segurança (roubo e assalto) e 3,6% problemas de saúde (intoxicação, febre e doenças variadas). A maioria das ocorrências de insegurança aconteceu no Rio de Janeiro (70,0%), seguido de Salvador (15,0%) e São Paulo (10,0%).

As faixas de gastos diários na viagem pelo Brasil apresentaram a seguinte distribuição: até 20 dólares 27%, de 21 a 30 dólares 34%, 31 a 40 dólares 16%, 41 a 50 dólares 14% e mais de 51 dólares 10%. A média calculada de gastos por dia foi de 34,93 dólares, que convertido ao câmbio de R\$ 2,00 por dólar americano significam 69,86 reais por dia. Entre os diversos continentes aparecem diferenças significativas de gastos diários, sendo que os viajantes da América do Norte gastavam 40,65 dólares, enquanto que os originários da Oceania mencionaram 35,00 dólares e os Europeus 32,59 dólares.

Quando questionados se o dispêndio real estava dentro das expectativas, 51,9% afirmaram que estava na faixa que esperavam, enquanto que 41,3% responderam que estava acima do esperado e 6,8% abaixo do esperado. Para mais da metade dos turistas *backpackers* (56,2%) o Brasil foi considerado um país caro para se viajar. Os principais itens apontados como caros foram: transporte (45,1%), acomodação (36,7%), entretenimento (22,2%), alimentação (15,7%), entre outros.

Entre as principais atividades que costumam realizar ou locais que costumam frequentar em suas viagens, os *backpackers* apontaram: praias (79,0%), comidas típicas (69,9%), atrações turísticas (62,9%), beber com amigos (60,1%), lugares históricos (52,0%), clubes noturnos (51,2%), parques/jardins (49,2%), esportes de aventura (45,6%), compras (44,8%), vegetação (44,8%), animais (44,0) e museus (41,9%).

Já as atividades realizadas até aquele momento da viagem pelo Brasil mostram os seguintes aspectos: praias (74,6%), beber com amigos (61,7%), atrações turísticas (59,7%), clubes noturnos (46,4%), compras (42,7%), parques/jardins (41,9%), comidas típicas (41,1%), lugares históricos (41,0%), vegetação (35,5%), arquitetura (33,9%), museus (29,8%), ler (24,6%), artesanato, (24,2%), animais (23,4%), igrejas (23,4%) e esportes de aventura (20,6%). Nota-se que alguns aspectos não estão sendo realizados pelos turistas estrangeiros embora os mesmos demonstrem interesse.

Os *backpackers* estrangeiros foram instruídos a dar notas de 1 a 5 sobre os vários aspectos de nosso país. Os valores representavam o seguinte escalonamento: 1 – muito ruim, 2 – ruim, 3 – regular, 4 – bom, 5 – muito bom. Os aspectos mais bem pontuados, segundo a média calculada, foram: cachoeiras (4,64), praias (4,54), atmosfera (4,39), cenário (4,35), vegetação (4,34), diversidade natural (4,33), mar (4,31) e diversão (4,31). Por outro lado, os aspectos com os menores escores foram: cavernas (3,43), artes (3,59), animais (3,66), cidades (3,69), comida típica (3,72) e montanhas (3,91).

Utilizando a mesma metodologia da questão anterior os turistas *backpackers* avaliaram com notas os serviços que utilizaram em sua viagem pelo Brasil. As melhores notas foram alcançadas pelas seguintes atividades: vida noturna (3,99), albergues da juventude (3,92), restaurantes (3,64), ônibus intermunicipais (3,60), aeroportos (3,57), hotéis (3,51) e compras (3,51). Enquanto que estradas (2,65), tráfego urbano (2,67), troca de dinheiro (2,73), segurança pública (2,80), sistema de comunicações (2,99) e limpeza pública (3,02) obtiveram as notas mais baixas.

Perguntados sobre os aspectos que mais apreciaram durante a viagem pelo Brasil os visitantes *backpackers* listaram uma série de itens, sendo os mais mencionados os seguintes: pessoas (57,5%), praias (39,2%), natureza (35,5%), clima (18,8%), música (16,7%), comida (14,5%) e cultura (13,4%). Já os aspectos negativos mais apontados pelos turistas *backpackers* foram: segurança pública (45,3%), dificuldades do idioma (19,6%), pobreza (16,2%), preços altos (9,5%), limpeza pública (8,8%), ônibus (8,1%) e telecomunicações (6,8%).

Quanto à pretensão de retornar ao país no futuro 77,0% responderam afirmativamente, 7,3% disseram que não pretendem voltar a visitar o Brasil e 15,7% deixaram de responder a questão.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mais uma vez os resultados da pesquisa demonstram que viajar pelo Brasil é uma experiência prazerosa para a grande maioria dos *backpackers* estrangeiros. Acredita-se que os dados obtidos nesta investigação, tanto de perfil quanto aqueles relativos às características da viagem, são bastante esclarecedores sobre o segmento que se pretendeu estudar. Os resultados foram similares aos coletados há seis anos atrás, com variações pontuais (o que não cabe aqui discorrer).

Vale a pena enfatizar alguns resultados obtidos, especialmente sobre os aspectos econômicos proporcionados por esse segmento e colocá-los frente a dados de outras fontes. Considerando que o tempo de permanência médio foi de 49,89 dias e o gasto diário médio de US\$ 34,93 pode-se calcular que o valor médio despendido pelos turistas *backpackers* no Brasil foi de 1.742,65 dólares, ou em nossa moeda ao câmbio de R\$ 2,00 por US\$ 1,00, exatos 3.485,31 reais.

Será esse cálculo equivocado? Os dados da pesquisa anterior registram gastos diários médios de US\$ 29,80 e tempo médio de viagem de 52,7 dias. Multiplicando os dois elementos, obtém-se o valor total dos gastos individuais de US\$ 1.570,46, portanto, muito próximo dos novos dados. Uma outra análise possível seria comparar com os dados estatísticos dos turistas estrangeiros apresentados pela Embratur (2001; 2006) que vieram ao país a lazer, por agência de viagem e se hospedaram em hotéis, o qual denominaremos de turismo convencional.

Segundo esses dados, no ano 2000 o gasto total calculado para o turista convencional foi de US\$ 1.202,04 (gastos diários US\$ 95,50 e tempo de permanência de 12,6 dias) enquanto que no ano de 2005 chegou-se ao valor de US\$ 1.015,17 (gastos diários de US\$ 97,99 e tempo de permanência de 10,36 dias). Comparando os dois tipos de turistas temos: ano 2000 – convencional US\$ 1.202,04 contra *backpackers* US\$ 1.570,46; ano 2005 – convencional US\$ 1.105,17 contra US\$ 1.742,65.

Cabe mostrar ainda, os dados disponibilizados pela Tourism Austrália Commission (2007), para que se possa ter uma outra referência de análise. Comparando os números relativos ao tempo de permanência média no país e os gastos médios diários dos turistas convencionais e dos turistas *backpackers*, respectivamente, temos os seguintes dados: 2003 – 24 dias e A\$ 2.272 contra 64 dias e A\$ 4.857; 2004 – 23 dias e A\$ 2.187 contra 68 dias e A\$ 4.876; 2005 – 23 dias e A\$ 2.448 contra 64 dias e A\$ 5.161. Esses números mostram que, como no Brasil, os gastos médios individuais dos *backpackers* na Austrália são superiores àqueles despendidos pelos turistas convencionais.

Sobre os aspectos socioculturais e ambientais existem elementos que poderiam justificar os maiores benefícios oferecidos aos países de destino dos turistas mochileiros, como a maior interação visitante-anfitrião e uma superior preocupação com a preservação da natureza. Mas, investigações específicas ainda são necessárias para corroborar tais fatores, especialmente em nosso país.

Pretendendo ocupar uma posição elevada no quadro de países mais visitados mundialmente, defende-se que os órgãos responsáveis pelas diretrizes do turismo no Brasil passem a estudar com mais afinco a potencialidade dos vários segmentos turísticos que constituem o mercado setorial.

Somente desta forma será possível avaliar acuradamente os prós e contras que cada segmento pode gerar, sob os diferentes prismas do tão buscado desenvolvimento sustentável. Acredita-se que o segmento dos viajantes *backpackers* oferece uma ótima oportunidade de contribuir nesse sentido.

REFERÊNCIAS

- ALTELJEVIC, Irena, DOORNE, Stephen. **Theoretical Encounters: A Review of Backpacker Literature – A Transnational Research Project on Backpacker Tourism**. 2002. 19 p. (artigo não publicado)
- AOQUI, Cássio. **Desenvolvimento do Segmento Backpackers no Brasil sob a Ótica do Marketing de Turismo**. 2005. 217 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração de Empresas) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, 2005.
- AUSTRALIAN TOURISM COMMISSION. Backpacker Accommodation in Australia 2006 – Snapshot. Disponível em: <http://www.tourism.australia.com/content/Research/Factsheets/Backpacker_July_2004.pdf> Acesso em 10 set. 2007.
- EMBRATUR. **Estudo da Demanda Turística Internacional - 2000**. Brasília, 2001.
- EMBRATUR. **Estudo da Demanda Turística Internacional - 2005**. Brasília, 2006.
- GIARETTA, Maria J. **Turismo da Juventude**. São Paulo: Manole, 2002
- HAMPTON, Mark P. Backpacker Tourism and Economic Development. **Annals of Tourism Research**, v. 25, n. 3, p. 639-660, 1998.
- KOTLER, P., BOWEN, J., MAKENS, J. **Marketing for Hospitality and Tourism**. New York: Prentice-Hall, 1999.
- MURPHY, Laurie. Exploring Social Interactions of Backpackers. **Annals of Tourism Research**, v. 28, n. 1, p. 50-67, 2001.

- OLIVEIRA, Rui J. **Turistas Estrangeiros Backpackers em Viagem pelo Brasil: Perfil dos Viajantes e Características da Viagem**. São Paulo, 2003. 227 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação, Turismo) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2003.
- _____. Turismo Backpacker / Mochileiro. In: TRIGO, Luiz G. G. (Org.) **Análises Regionais e Globais do Turismo Brasileiro**. São Paulo: Roca, 2005, p. 399-422.
- PEARCE, Philip L., LOKER-MURPHY, Laurie. Young Budget Travelers: Backpackers in Australia. **Annals of Tourism Research**, v. 22, n. 4, p. 819-843, 1995.
- SCHEYVENS, Regina. Backpacker Tourism and Third World Development. **Annals of Tourism Research**, v. 29, n. 1, p. 144-164, 2002.
- SORENSEN, Anders. Backpacker Ethnography. **Annals of Tourism Research**, v. 30, n. 4, p. 847-867, 2003.
- URIELY, Natan, YONAY, Yuval, SIMCHAI, Dalit. Backpacking Experiences – A type and form analysis. **Annals of Tourism Research**, v. 29, n. 2, p. 520-538, 2002.

Recebido: Setembro de 2007

Aprovado: Dezembro de 2007